



JIA LISBOA 2023
XIV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica
Em crise: a Natureza da Humanidade

S8

PREPARADOS PARA RESISTIR: DIALÉCTICA ENTRE A CONSTRUÇÃO DA
PAISAGEM NATURAL E CULTURAL NO 3º MILÉNIO A.C.

Esther Navajo-Samaniego¹

¹Universidad Alcalá/ Area de Prehistoria

Lucía Rodriguez Alvarez²

²Universidad de Vigo/ GEAAT

André Texugo³

³FLUL/FCT/UNIARQ/CEG

RESUMO

O aparecimento, aparentemente, súbito de recintos murados é um fenómeno que na Península Ibérica enquadra-se, principalmente, no 3o milénio a.C. Sendo estes, inseridos em estratégias de monumentalização do espaço (Jorge, 2005; Jorge et al, 2006; Sanches, 2007; Valera, 2007), através da construção de espaços coletivos assumindo-se enquanto espaços estruturadores e de negociação de identidades coletivas (Gomes, 2017; Jorge, 1999).

Actualmente, são referidos como “lugares monumentalizados ou recintos murados” fazendo referência às suas arquitecturas pétreas com especial incidência na sua conotação simbólica na paisagem. Este é um fenómeno que convive no tempo e, raras vezes, no espaço com os recintos de fossos e o qual acreditamos na preponderância da articulação entre recintos e a paisagem natural e cultural onde se inserem. Os recintos murados são sítios de elevada durabilidade e que criaram condições para o aparecimento de diferentes práticas e formas de habitar. Ainda que, as durações destes sítios sejam distintas, implicando diferentes estratégias de ocupação do espaço e dependendo das transformações das identidades colectivas. Estes estão intimamente ligados a espaços de memória e à tradição, mas surgiram como construções inovadoras e em algumas paisagens trata-se dos primeiros dispositivos que se impõem com a escala, dimensão e o investimento destes sítios (Valera, 2016). Estes denunciam não só a circulação, mobilidade e contacto através da similitude formal, como uma aparente complexificação social. Estas são as sociedades que tiveram tempo para erguer megálitos, antas, thóloi e outros monumentos funerários, ou mesmo construir recintos murados e/ou fossos. Ainda que, a tipologia de ocupação no 3o milénio a.C. seja heterogênea, quanto ao seu modelo de distribuição e implantação, os recintos murados devem ser trabalhados a diferentes escalas e aqui pretendemos seguir repto deixado por Ana Vale (2019): “... equacionar o papel das pequenas coisas na construção/ organização/ uso do espaço.”

Tratavam-se, portanto, das primeiras sociedades “preparadas para resistir”. As que “dominavam” a domesticação animal, vegetal e que a arquitectura emergiu da compreensão do lugar face a outros pontos na paisagem cultural e natural. Contudo, tanto o súbito aparecimento deste tipo de estruturas, como o seu declínio/abandono, estão por compreender. Terá sido o evento 4.2ka? Movimentos migratórios? Crise de identidade? Crise sanitária? Nesta sessão esperamos motivar a participação de estudos centrados na arqueologia da paisagem, ou de território, arquitecturas e/ou nos estudos das materialidades ou manifestações das comunidades do 3o milénio a.C. A proposta procurará centrar-se na caracterização destas comunidades de forma lata e, com especial enfoque, no súbito aparecimento dos recintos murados e no seu “fim”.



Envio de propostas para: *s8prepareresist@gmail.com*